

EDITORIAL
EDITORIAL

MARIA CLARA AMADO MARTINS

EDITORIAL

EDITORIAL

MARIA CLARA AMADO MARTINS¹

mariaclaraamado@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4477-1096>

O exercício de pensar a Arte, seus deslimites e suas dimensões múltiplas trouxe para essa edição da Revista Interfaces a simplicidade de pensar a arte como um valor que se entende simultaneamente como simples e complexo. No entanto, esta dicotomia não criou relações de ambiguidades, mas sim de convergências. Lembramos aqui da definição apresentada por Frederico Moraes, quando afirma que ‘Arte é o que eu e você chamamos arte’ (2018), definição que consolida o fazer criativo como ato autônomo. Os campos do saber e do criar que estruturam o Centro de Letras e Artes através de suas unidades mostraram através de diferentes artigos a possibilidade da construção de uma cena artística sem vícios de recepção, que são aqui sobrepujados pela liberdade de reflexão.

No artigo de Domenico Potenza, cinco palavras-chave definem a arquitetura: escavação, peso, luz, superfície, tempo. Palavras com semânticas diferentes constroem o arcabouço da construção de uma forma poética e fronteira com a literatura quando cita o poeta

¹ Professora Dra. da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Professora Associada IV do quadro do Departamento de História e Teoria da FAU-UFRJ. Coordenadora de Extensão do Centro de Letras e Artes (CLA-UFRJ). Pós-doutoramento concluído no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV-EBA) em 2016, com o título "Lygia Pape e a construção da imagem na arte. A transversalidade entre sua filmografia e os Livros", sob a orientação da Professora Ângela Ancora da Luz (PPGAV-EBA-UFRJ). Pesquisa de Pós-doutoramento na Itália vinculada à Università degli Studi "G. d'Annunzio" Chieti-Pescara em 2022, sob a orientação do professor Claudio Varagnoli da mesma Universidade com o título "O Restauro do período pós-guerra na Itália sob a tutela do arquiteto Carlo Ceschi".

americano Wallace Stevens para pensar a luz. Do mesmo modo, aproxima-se das fronteiras da linguística ao afirmar que “a superfície não é superficial, mas profunda e significativa...”, ou ainda quando ousa falar da “suspensão do tempo da arquitetura” para pensá-lo dentro da fenomenologia. A todo momento Domenico demonstra em seu percurso a insuficiência dos limites de análise crítica e os expande.

No artigo escrito por Juliana Guerra a imageabilidade urbana e a historicidade de Petrópolis são tratadas como entes únicos a partir da complexidade de pensá-las como um espaço mutável e favorecido por suas edificações, entre elas o Palácio de Cristal. A pesquisa reflete sobre a memória através da construção de signos e significados que se deixam atravessar pelos sons, pelas *performances* e pelas ações que a cidade vem recebendo e que agregam novas camadas de tempo à Cidade Imperial. Entre estes signos, destaca a revalorização da colonização alemã que reafirma as raízes da cidade e a consolidação da produção de cerveja. Assim, a autora consegue atualizar o olhar que se tem sobre Petrópolis, seus desdobramentos contemporâneos para a formação de novas imagens e a pertinência de ser um lugar em ação.

Considerando a permeabilidade das relações entre o tempo e o espaço, encontramos no artigo de David Eleutério a tradução dessa singularidade. O autor cita as ações de salvaguarda patrimonial da corte europeia sobre sítios históricos soterrados como Herculano e Pompéia, entre outros. O que o autor chama de Grand Tour arqueológico e que em muito anteciparia a moderna teorização conservativa e de restauro, não constitui apenas um artigo técnico. O autor cita o fascínio e o desejo pela compreensão de um mundo que não era conhecido. A axiologia dos valores encaminha o texto para tessituras filosóficas e novas dimensões arquiteturais.

A arte aparece enquanto metáfora de suas próprias possibilidades expressivas. Os autores Rafael Gonçalves Marotto e Sandra Regina Bastos abordam as relações entre a cenografia e a performance como

elementos presentes na exposições dos artistas capixabas João Cóser e Marcus Vinícius. Ao falar dos espaços expositivos como plataformas sensoriais, o autor aponta para a multiplicidade de suportes e seus novos sentidos estéticos, uma vez que valoriza o corpo na obra, o percurso e a construção de narrativas para a fruição do público.

A obra literária de Eliane Marques “e se alguém o pano” (2015) é analisada por Harion Costa Custódio que a embasa conceitualmente através do entendimento de ‘neutro’ (Barthes) e do ‘nada’ (Blanchot). O discurso considera que a ausência do verbo na frase suspende o sentido sobre a compreensão semântica do título. Mas, ao mesmo tempo em que o caráter da indeterminação da forma escrita tensiona os limites entre linguagem e imagem, tal fato também amplia a força poética do livro através do aumento de sua linha de força. Ou seja, a aparente falta de sentido agrega, potencialmente, novos sentidos que reforçam a questão espacial do texto criando um antagonismo necessário para a renovação da própria leitura.

Isabelle Ferreira em seu ensaio “Exercícios de admiração” faz um mergulho profundo na pesquisa da artista visual Patrícia Brandstatter que pintou quadros inspirados na leitura dos poemas da poetisa brasileira Ana Martins Marques. O texto impõe uma leitura dialógica com três personagens: a autora do texto, a pintora que se inspira em poemas e a poetisa que com seus versos contribui para a pintura de paisagem. Neste caso, enquanto a autora se debruça sobre o diálogo entre os poemas e as pinturas, o texto indaga a si próprio sobre quem é o protagonista do ensaio considerando o entrelaçamento entre a poesia e a pintura das três personagens.

Emiliana Tucci, por sua vez, faz um caminho diverso dos autores anteriores. Ao invés de estabelecer laços e aproximações entre diferentes campos da criação, ela mergulha nos deslimites de sua própria língua, o italiano. Mais especificamente o italiano regional abruzzês. Trata-se de uma pesquisa que se aprofunda sobre as variações da linguagem, suas

referências e as implicações de suas dissonâncias enquanto registro didático. A autora aproxima as variantes da língua da região do Abruzzo com as imbricações das sociedades em que ela é praticada. Assim, ao colocar a linguística no foco da análise, a autora pretende facultar o desenvolvimento de uma consciência metalinguística e sociolinguística.

Se o artigo anterior traz em sua centralidade o estudo da linguística, os autores Ana Paula Pires e Bruno Borges produzem uma leitura crítica sobre a obra *Instantâneos* (2002) da artista Cristina Salgado. Nele, compreendem a obra dentro de uma abordagem cultural na qual o ‘corpo’ atua como agente promotor de discursos que são reinterpretados dentro da sociedade como libertadores. Por outro lado, consideram as tensões críticas que a obra estabelece através da dicotomia entre o que aparenta e o que representa. A obra de Salgado, nesse contexto, atua como campo de forças que tensiona identidades sedimentadas, liberando o corpo de amarras representacionais e afirmando-o em sua multiplicidade e potência de existir

A música é abordada em sua métrica no artigo de Olivia Maria Gonçalves. Trata-se de uma pesquisa sobre o Spotify em que a autora faz uma abordagem etnográfica com mais de 3000 entrevistas e análise do perfil do aplicativo em 37 países. Com isso, a autora adentra em um universo conceitual que amplia os limites da compreensão musical, incorporando estudos ligados à performance, ao afeto, à imagética e à compreensão do Spotify como um ‘não lugar’. O desenvolvimento do texto permite pensar a música associada a um espaço não contingenciado e transversal à arquitetura o que a torna visível em sua sonoridade.

Um acordo entre tempos é o que propõe o pesquisador Lenine Vasconcellos. Seu artigo versa sobre seu Grupo de Pesquisa Partitura Encenada e do desenvolvimento de seu instrumento musical ‘Contato’. A pesquisa foi contemplada com o prêmio “Rio *Innovation Week* 2024 – Categoria Artes” e estabelece diálogos transdisciplinares entre música,

dança, cenografia, artes visuais, tecnologia, literatura e tantos outros campos do saber e do criar. O autor desenvolveu um instrumento musical para ser dançado e que tem como característica, como o autor evidencia em seu texto, atuar em diferentes temporalidades. É preciso dançar para entender...

O artigo “Culturas do habitar” de Paula André está centrado na análise de interiores domésticos contextualizados na primeira metade do Século XX, mais especificamente nos anos 20. O olhar da autora situa as Artes como um território da cultura arquitetônica e utiliza a celebração do Centenário da “*Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels Modernes* (1925)” como recorte para seu pensar crítico. A pesquisa está embasada em um vasto material iconográfico e abre novas possibilidades de investigação por demonstrar como os signos daquele mundo novo influenciaram a cultura do habitar através da arquitetura de interiores. A autora se apropria da linguística ao entrelaçar as artes e a sociedade para a celebração de um modo de viver moderno.